



CÂMARA MUNICIPAL DE INDAIATUBA

Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

PROJETO DE LEI /2018

“Denomina RUA DOMENICO DE LUCA o logradouro público do Jardim Residencial Nova Veneza, que especifica”.

NILSON ALCIDES GASPAR, Prefeito do Município de Indaiatuba, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei,

FAZ SABER, que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º - A atual Rua 07 (sete) do Jardim Residencial Nova Veneza passa a denominar-se **Domenico de Luca**.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Plenário Joab Pucinelli, aos 15 de fevereiro de 2018

Vereador Eng. Alexandre Peres



CÂMARA MUNICIPAL DE INDAIATUBA

Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

JUSTIFICATIVA

1. O nome do homenageado **DOMENICO DE LUCA** foi enviado para análise da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, em conformidade ao disposto na alínea “c” do inciso II do artigo 2º da Lei Municipal no. 3.081 de 20 de dezembro de 1993.
2. As informações históricas sobre o homenageado (com cópias em anexo) foram enviadas (conforme cópia do **Ofício AP-370/2017**, em anexo) para análise dos Conselhos Consultivo e Conselho Administrativo da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba e que, conforme solicitado no inciso II do artigo 8º da lei Municipal nº 6035 de 25 de julho de 2012, na biografia do indicado constou “*relação de suas obras e ações meritórias e relevantes*” e que trata-se de “personalidade reconhecida por reputação ilibada e idoneidade moral” conforme o parágrafo único do artigo 3º da mesma Lei, **foi aprovado, conforme consta no Ofício 212/2017, emitido pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba** (em anexo).
3. O resumo na biografia indicada biografia do indicado é a seguinte:

Domenico de Luca, falecido em 1907 vítima de conhecido assassinato, narrado em crônicas, livros e artigos de jornais por historiador¹, advogado², memorialistas³ e vários jornalistas⁴, a comoção com sua morte fez com que, na época, a população da pequena Indaiatuba fizesse uma subscrição para homenageá-lo. Essa comoção é sentimento comunitário que continua até hoje, dado ao grande número de homenagens que o falecido recebe em seu túmulo, principalmente nos finados.

Plenário Joab Pucinelli, aos 15 de fevereiro de 2018.

Vereador Eng. Alexandre Peres

¹ SILVA, Eliana Belo - **Uma tragédia Indaiatubana - O Crime do Poço** (obra doada para a Fundação Pró-Memória gozar dos fundos arrecadados com a venda).

² DOTTA, Mário - **A Tragédia da Rua Candelária**.

³ PENNA. Antônio da Cunha in **Tipos Notáveis da Popularidade e Algumas Histórias Mal Contadas e SANNAZZARO, Sylvia Teixeira de Camargô in O Tempo e a Gente** (vide anexo II).

⁴ Entre eles, vários artigos de Sérgio Squilanti no jornal Tribuna de Indaiá e da periodista Ana Ligia Scachetti, em textos que se transformou no livro “**O Ofício de Compartilhar Histórias**”.



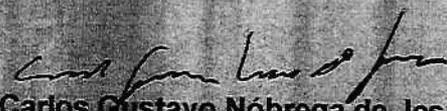
Ofício 212/2017

Indaiatuba, 15 de dezembro de 2017

Ilmo. Sr.
Alexandre Peres
Vereador da Câmara Municipal de Indaiatuba

A Comissão de Análise de Nomes para Denominação dos Próprios Municipais, da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, entendeu que o **Sr. Domênico de Luca**, personalidade de caráter ilibado e moral, **atendeu** os requisitos estabelecidos por esta Fundação para ser homenageado, conforme a solicitação através do ofício AP-370/2017.

Atenciosamente,


Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus
Superintendente da Fundação
Pró-Memória de Indaiatuba

Vereador Alexandre Peres

De: Sandra - Engenharia <engenharia.cadastro02@indaiatuba.sp.gov.br>
Enviado em: terça-feira, 28 de novembro de 2017 13:55
Para: Vereador Alexandre Peres
Assunto: Re: 5 logradouros + Praça

Boa tarde!

Eliana, quanto a inclusão de logradouros no Google, não sei como funciona.
Ruas para denominação : 06, 07, 08, 09 e 10 do loteamento Jd. Residencial Nova Veneza.

Att.

Sandra Regina Ap. Sant'Ana Lemes

Dept. de Cadastro Imobiliário

Secr. Mun. De Planej. Urbano e Engenharia

Fone : 3834-9165

E- mail : engenharia.cadastro02@indaiatuba.sp.gov.br

Em 28/11/2017 10:42, Vereador Alexandre Peres escreveu:

Bom dia, Sandra, como vai?

Por aqui tudo bem.

Aqui é a Eliana, no endereço virtual do Alexandre.

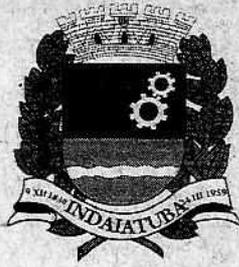
Por gentileza, me envie 5 (cinco) logradouros no Nova Veneza, para que possamos fazer projetos de atribuição de nome de Rua. Aqueles que vc. me enviou já foram todos usados e temos essa quantidade de "Questionários" da Fundação Pró-Memória.

Outra coisa: quando atribuímos o nome do Padre Renato França para uma praça, saiu no Google rapidinho, coisa que ainda não ocorreu com o nome da Praça Darcy Ventaroli, que ainda não está geo-referenciada. Aconteceu algum problema?

Grata pela sua atenção.

Eliana Belo Silva
Chefe de Gabinete

Vereador Eng. Alexandre Peres
Câmara Municipal de Indaiatuba
e-mail – alexandreperes@indaiatuba.sp.leg.br
telefone – 0800-7708-540
Gabinete em fase de implantação da ISO 9001:2015
Compromisso participativo da viabilização da AGENDA 2030 da ONU



GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700
CEP. 13339-140 – Indaiatuba – SP

Indaiatuba, 16 de novembro de 2017.

OFÍCIO Nº. AP-370-2017

RECEBIDO

Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

17 / 11 / 2017

Glória Medeiros

Ilmo Sr.

Dr. Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus

Superintendente da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

Nesta.

A par de respeitosamente cumprimentá-lo, remeto através deste, os documentos referentes à **DOMENICO DE LUCA**, personagem conhecido na história e na memória de Indaiatuba, senão a maior e mais presente referência no imaginário local, a ponto de ser transformado em um “santo de província”, conceito antropológico atribuído à pessoas falecidas que recebem homenagens póstumas e ex-votos em seus túmulos - para serem **analisados** pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, com o objetivo de executar uma homenagem póstuma, através de atribuição a nome de via, logradouro ou próprio municipal, em conformidade ao disposto na alínea “c” do inciso II do artigo 2o. da Lei Municipal no. 3.081 de 20 de dezembro de 1993.

Justifico que, conforme o parágrafo único do artigo 3o. Lei Municipal n. 6035 de 25 de julho de 2012, trata-se de “*personalidade reconhecida*”, não havendo nenhuma referência que o desabone, por falta “*reputação ilibada e idoneidade moral*”. Falecido em 1907, vítima de conhecido assassinato narrado em crônicas, livros e artigos de jornais por historiador¹, advogado², memorialistas³ e vários

¹ SILVA, Eliana Belo - **Uma tragédia Indaiatubana - O Crime do Poço** (obra doada para a Fundação Pró-Memória gozar dos fundos arrecadados com a venda).

² DOTTA, Mário - **A Tragédia da Rua Candelária**.

³ PENNA, Antônio da Cunha *in* **Tipos Notáveis da Popularidade e Algumas Histórias Mal Contadas** e SANNAZZARO, Sylvia Teixeira de Camargo *in* **O Tempo e a Gente** (vide anexo II) e CARVALHO, Nilson Cardoso - **Cronologia Indaiatubana** (anexo III).



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

jornalistas⁴. Essa história oral, que é a mais contada até hoje de geração em geração, foi transformada em documentário em 2007 (vide o arquivo aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=cbiLk8fO7f0>). A comoção com sua morte fez com que, na época, a população da pequena Indaiatuba fizesse uma subscrição para homenageá-lo.

Um caixeiro viajante chamado Domênico de Luca chegou por essas bandas em 1907 e foi vendendo suas mercadorias por muitas vilas da região. Um dia simplesmente sumiu e ninguém sabia o que tinha acontecido com o pobre coitado. Algum tempo depois, sua mãe sonhou com um poço situado nos fundos de uma casa. E foi procurando, com ajuda dos locais e da polícia, até achar o dito poço. Para espanto de todos, encontraram Domênico morto e seu corpo, com marcas de grande brutalidade, escondido lá dentro. Foi devidamente sepultado no Cemitério Municipal da Candelária, em Indaiatuba, e a ele são atribuídas muitas graças rogadas por crentes de que seu martírio o tornou um homem santo.⁵

Essa comoção é sentimento comunitário que continua até hoje, dado ao grande número de homenagens que o falecido recebe em seu túmulo, principalmente nos finados (vide imagens em anexo).

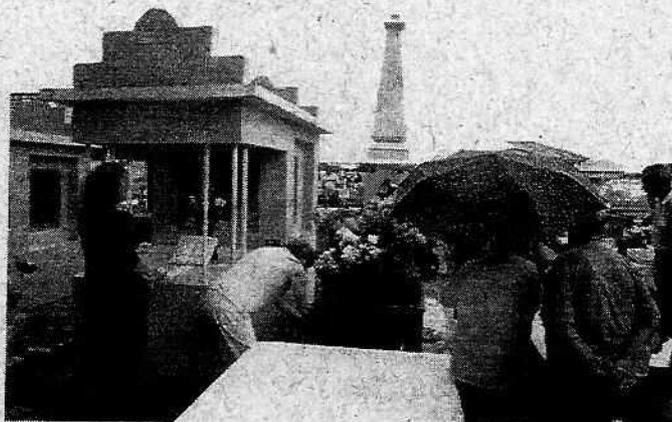


Imagem de 2008, de homenagens no túmulo de Domenico de Luca, no dia de Finados.

⁴ Entre eles, vários artigos de Sérgio Squilanti no jornal Tribuna de Indaiá e da periodista Ana Ligia Scachetti em textos que se transformou no livro “O Ofício de Compartilhar Histórias”.

⁵ Fonte: <http://www.cidadecultura.com/o-crime-do-poco/>, consultado em 16/11/2017.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP



Imagem de 2008, de homenagens no túmulo de Domenico de Luca, no dia de Finados.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP



Descendentes de Domenico de Luca, que estiveram no Centenário de sua morte, em 2017, em homenagem feita pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

Encerro solicitando que as “Declarações” sejam substituídas pelos anexos, que podem garantir a veracidade das informações e dados, ao mesmo tempo que testemunham a comoção que o assassinato teve e ainda tem na memória de nossa gente, ao mesmo tempo em que apresento minhas expressões de alta consideração e apreço ao Sr. e aos Conselheiros.

Atenciosamente,

Vereador Eng. Alexandre Peres



GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

ANEXO I

Pós-escrito ao livro "O Crime do Poço" que será publicado em breve (no livro de História de Indaiatuba na perspectiva biográfica de Antonio Reginaldo Geiss)

AS TRÊS ENXADAS

Eliana Belo Silva

O amor de mãe por seu filho é diferente de qualquer outra coisa no mundo.

Ele não obedece lei ou piedade, ele ousa todas as coisas
e extermina sem remorso tudo o que ficar em seu caminho.

Agatha Christie

A primeira enxada – A desencabada

Colocaram o cadáver em dois sacos de juta que ali estavam esquecidos: um pelos pés, outro pela cabeça. Mas o queurgia agora era se desfazer do cadáver. Retiraram algumas tábuas que cobriam o poço abandonado, até obter um espaço suficiente por onde deixaram cair o cadáver. O barulho da queda foi bem pequeno, talvez pela profundidade do poço, que deveria ter setenta palmos. Precisavam agora, desesperadamente, aterrar o poço para eliminar qualquer prova. E os três se puseram logo ao trabalho para acabar o mais depressa possível com o macabro serviço. *"Com uma enxada desencabada e velha que estava jogada no quintal da casa número vinte e um, raspam toda a terra ensanguentada, que era muita, pois o sangue era muito... jogaram... a terra ensopada de sangue dentro do poço. Que depois pegaram a enxada, as botinas e o chapéu de Domênico e colocaram num outro saco que também jogaram no poço.... Atiraram para dentro do poço o pau de fumo com que Antônio N. havia morto Domênico, assim como tudo o mais que encontraram ao redor..."*. A matriz Nossa Senhora da Candelária anunciava quatro horas da tarde quando o delito se deu por encerrado. (1)

A segunda enxada – A emprestada

Em dezembro de 1907 o jovem italiano Domênico de Luca foi assassinado em Indaiatuba em uma emboscada planejada para roubá-lo. Após o assassinato, os três criminosos confessos jogaram o corpo da



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

vítima – que tinha apenas 17 anos de idade – dentro de um poço desativado, que recobriram com uma enxada que *“foram descaradamente emprestar da minha avó Maria Pia”*, conta Antonio Reginaldo Geiss (2), recordando uma das personagens de sua família que interagiram nessa história, que é uma das mais presentes no imaginário da cultura indaiatubana.

A enxada que Geiss se refere não é que foi usada no dia do crime, e sim uma outra que foi utilizada depois, no dia seguinte, quando os assassinos acharam que a terra que havia sido jogada por cima do cadáver ‘era pouca’. Chamaram então o ‘preto Delfino’ para fazer o serviço, que segundo os laudos do processo, fora emprestar a enxada de Dona Maria Pia. Ao depor, Delfino de Moraes, 40 anos, disse que, ao perguntar por que haveria de entupir um poço até então descoberto, o contratante respondeu: *“tenho irmãos pequenos que podem cair ali.”* Delfino entupiu o poço com tudo o que havia de terra no quintal, deixando o terreiro bem limpinho. E como ainda só havia aterrado o poço até um pouco mais da metade, Adão deu um pano para que fosse esticado na boca e preso nas bordas, recoberto e disfarçado em seguida com mais um pouco de terra.

Domênico era italiano, mas morava com sua família no bairro do Brás, em São Paulo, que fazia comércio, revendendo cereais produzidos em fazendas do interior de São Paulo. O menino que tão cedo perdera a vida tragicamente por dinheiro, havia saído de trem em direção a Piracicaba, justamente para efetivar negócios que aprendera com seu pai, o Sr. Modesto de Luca. No caminho, a composição parou na estação ferroviária de Indaiatuba – atual Museu Ferroviário _ onde ele desceu, já atraído previamente por um dos seus algozes, que sabia ser ele portador de dinheiro vivo. A família em São Paulo começou a estranhar a ausência de notícias do moço, pois ele não havia telegrafado nenhuma vez para atualizar sobre seu paradeiro. A mãe logo se agonizou e transformou a estranheza em profunda preocupação até que se desesperou ao saber que ele não havia desembarcado em Piracicaba.

O crime chocou a população urbana de Indaiatuba, que presumidamente não passava de 1200 pessoas, formadas por pequenos comerciantes, artesãos e trabalhadores livres, que moravam em casas simples, de barrote de pequena altura – a ponto de unirem-se em uma ‘vaquinha’ para construir um imponente (para a época) túmulo em homenagem ao jovem morto. Essas casas geralmente possuíam pequenos jardins ou terreiros com pequenas hortas, árvores frutíferas e galinheiros, ou ainda, como escreveu o notável indaiatubano Nabor Pires Camargo, não só com galinheiros, mas pequenos zoológicos, com *“frangos, cabritos, leitões, perus, carneiros, e algumas vezes até caças de pelo, como capivaras e pacas”* (3). Eram delimitadas, quando muito, por cercas de arame ou taquara.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

A arquitetura só era diferente disso nas imediações da igreja Nossa Senhora da Candelária onde existiram alguns casarões nos quais *'residiam os 'principais'* do lugar, como oficiais da Guarda Nacional, fazendeiros senhores de engenho, fazendeiros cafeicultores, comerciantes principais e autoridades locais" (4). Alguns fazendeiros moravam na sede das fazendas, mas tinham um casarão como habitação urbana, como por exemplo o Barão de Itaicy.

Alfredo Camargo Fonseca – o Major Alfredo, o chefe do executivo na época, o equivalente a prefeito atualmente; o delegado era João Firmiano de Souza, o Juiz de Paz era José Tanclér, que também era "camarista" (vereador) junto com mais seis pessoas: Antônio Estanislau do Amaral Campos, Antônio Ambiel, Francisco Celestino Guimarães, Benjamin Constant de Almeida Coelho, Luiz Gonzaga Bicudo e Alfredo de Camargo Fonseca (ele mesmo, que também era prefeito). O procurador (funcionário público que era responsável pela arrecadação de impostos) era Jordão Teixeira de Camargo e o fabriqueiro (5) era Luiz Teixeira de Camargo, que também era escrivão do cartório e escrivão da polícia.

O crime provocou muito alvoroço na pacata cidadezinha, numa época em que não tinha jornal nem cinema, e na qual a distração mais comum era visitar os compadres e comadres para conversar e tomar um cafezinho perto do fogão de lenha, após caminhar nas ruas de chão batido. Jogos, principalmente de cartas, também era um lazer comum, principalmente para os que frequentavam vendas e botecos. Fora algumas festas religiosas, principalmente as festas em louvor a padroeira Nossa Senhora da Candelária que eram realizadas desde a criação da freguesia, a vida transcorria bucolicamente. Tudo girava praticamente em torno da igreja matriz, único templo religioso da cidade construído em taipa de pilão, belo exemplo da arquitetura religiosa colonial paulista.

No sábado, dia 07 de setembro de 1907, os sussurros discretos sobre o sumiço do moço que havia chegado três dias antes e deixado a mala em um pequeno hotel na pequena Indaiatuba, se transformaram em fofocas fervorosas cheias de conjunturas. O assunto virou um *fervo* quando alguns perceberam que *'certas pessoas'* estavam com mais dinheiro do que de costume e estavam fazendo apostas ousadas nos jogos das mesas de bar.

E outros dois parentes de Geiss se envolveriam na história, e de maneira definitiva para o seu desenrolar: José Tanclér, o juiz de paz, seu bisavô - e o delegado João Firmiano de Souza, seu tio-bisavô. Aconteceu quando o Sr. Modesto de Luca chegou em Indaiatuba. Sua vinda para cá é o capítulo mais fantástico dessa história: a mãe de Domênico, a Sra. Elisabete, sonhou (sim, ela *sonhou!*) Que o filho estava morto, em uma casa em Indaiatuba (6).



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

No dia 12 de dezembro, após ir para Piracicaba e confirmar que o filho não havia estado lá, o Sr. Modesto veio, incrédulo, para Indaiatuba. Recusava-se a acreditar para onde o destino lhe estava levando.

Aqui, a atenção se voltava para *certas pessoas*, que haviam ido para São Paulo fazer compras. De onde haviam conseguido tanto dinheiro? O delegado-tio-bisavô de Geiss, João Firmiano, já estava na estação ferroviária quando o pai da até então “suposta vítima” chegou, exausto, triste, inconformado, cabisbaixo. E não só ele. A população já tinha o hábito de ir acolher cada composição que chegava na Estação. Aquela, então... Era especial. Só não foi a banda, que ia sempre em ocasiões de visitas ilustres por motivos óbvios. Oficialmente estavam com o tio-bisavô-delegado o prefeito Major Alfredo e o escrivão Luiz Teixeira. Mas extraoficialmente...

A delegação oficial levou o pai para o hotel onde o filho havia deixado a pequena mala. Era uma pista concreta, não era mais um sonho de uma mãe desesperada, que para enganar a si próprio, até então o pai julgara estar alucinando, surtando, ou simplesmente tendo um pesadelo. Logo em seguida, em comitiva pela cidade, acompanhado com o delegado-tio-bisavô, o Sr. Modesto viu a casa que sua esposa havia descrito.

Sem poder compreender aquilo tudo de forma concreta, Modesto sentia apenas sua tristeza aumentar. Não compreendia que o sonho havia cumprido um papel de mensageiro entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. E embora acreditasse cada vez mais nessa informação, não lhe dava crédito o suficiente para utilizá-la como combustível para seu corpo e mente, cansados e confusos. Afinal, sonho era sonho, não havia provas e a realidade é coisa bem diversa. Renunciar à razão e entregar-se ao sonho significava enfrentar a dor do luto. Talvez por isso, a clara mensagem sobrenatural não se sobrepunha à razão: urgia continuar procurando o filho.

Modesto de Luca prestou queixa e o delegado-tio-bisavô acatou. Formalizado o desaparecimento, a primeira atitude de João Firmiano de Souza foi dar importância às fofocas locais - que ele mesmo acreditava e

... chegando ao meu conhecimento por queixa do cidadão Modesto de Luca, que seu filho Domênico desapareceu misteriosamente sem que se saiba o rumo que tomou e podendo haver no caso algum crime a apurar (...), digo procedente o desentupimento do poço.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP



Autoridades, repórter do jornal A Gazeta de São Paulo e o povo no quintal da casa, à beira do poço onde foi atirado o cadáver do mocinho Domênico de Luca. (7)

Logo em seguida, mandou prender um dos suspeitos. Sabendo da ordem de prisão, o padre debandou com sua batina arrastando no chão de terra batia e ordenou que o sino da igreja fosse tocado.

Era comum que quando ordens de prisão fossem expedidas, isso acontecesse. Mulheres com seus coques presos em lenços de chita benzeram-se com lágrimas nos olhos, certamente pensando, cada uma, em seu próprio filho. Livrai-me desse mal, amém.

A cidade agitou-se.

O suspeito preso negou por horas a fio. Até que o delegado-tio-bisavô teve uma ideia e estrategicamente armou uma arapuca com o Major Alfredo. E o plano foi posto em prática:



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

(...) numa certa hora, no meio do interrogatório, entrou de repente o Major Alfredo, e dirigindo-se diretamente ao criminoso, disse: _ É melhor você contar tudo, o cadáver foi encontrado no poço. A firmeza do Major deixou o suspeito branco, que após vacilar um pouco, com a respiração ofegante e com os olhos voltados para o nada, finalmente começou a falar, quase que sem parar...

Geiss conta que entre “entre baixos e contrabaixos” o delegado-tio-bisavô, mesmo não tendo experiências como crime, pois na época a prática era rara, utilizou-se de sua experiência de vida e, percebendo o nervosismo do rapaz, que era justamente o mais novo dos três assassinos confessos, aproveitou-se da insegurança, provocando: “conta tudo, que os outros já confessaram”. E assim os outros dois nomes foram verbalizados. Esse plano do delegado-tio-bisavô e a participação do Major Alfredo na cilada verbal ganhou notoriedade em jornal da Capital:

A ideia de que todas aquelas misteriosas circunstâncias ocultavam um crime começou a ganhar terreno e a pacata população, habituada à sua inalterada tranquilidade, começou a empenhar-se pelo caso, surgindo, como um dos mais interessados no descobrimento da verdade, o Sr. Alfredo de Camargo Fonseca, que tomou a si o encargo de prestar o seu apoio à autoridade policial. E foi ainda o Sr. Camargo que, percebendo indícios da responsabilidade de Adão. R., submeteu-o um dia a inteligente interrogatório, vendo, depois de alguma relutância da parte do interrogado, confirmadas todas as suas suspeitas. Adão R. confessara o seu hediondo crime, fora ele, com a cumplicidade de dois companheiros Antônio N. e Eugenio C. que perpetraram o tremendo delito, cujo móvel foi o roubo (8).

O juiz de paz José Tanclér estava presente no interrogatório e após a confissão, foi contar para o pai.

Achou-o em volta do poço, acompanhando atônito a retirada de cada pertence de seu filho no meio do mato morto e da terra umedecida pela chuva dos últimos dias. Até que, por fim, o cadáver do filho insepulto foi encontrado.

O delegado-tio-avô comunicou imediatamente o Dr. Washington Luís, Secretário da Segurança Pública de São Paulo, através de telegrama, que havia sido encontrado em um poço, na localidade de Indaiatuba, o cadáver de um indivíduo. A notícia foi destaque no jornal O Correio Paulistano:

Tratando-se de um hediondo crime, cujo motivo foi o roubo, a autoridade terminou o seu despacho requisitando a ida àquela vila de um médico legista, afim de proceder à respectiva autópsia. Essa diligência será effectuada pelo dr. Alfredo de Castro, que seguirá hoje pelo primeiro trem da S. Paulo Railway. (9)



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

O pai, após sepultar o filho em Indaiatuba, procurou pessoalmente e de imediato o Dr. Secretário da Justiça e Segurança Pública de São Paulo para pedir providências a fim de *“evitar a fuga dos miseráveis assassinos”* que mataram o filho dele, em atroz assassinato em Indaiatuba (10). Debulhado em lágrimas, o pai da vítima contava *“não oferecer a cadeia de Indaiatuba condições de segurança”*. Receava que os amigos dos criminosos, mais dia, menos dia assaltassem a prisão, contando também para levar a cabo essa tentativa o eficiente destacamento policial. Consta que o Secretário da Justiça tranquilizou o desditoso pai, que num momento de natural desabafo havia repetido os pormenores do crime, lamentando a morte do filho que era toda a sua alegria e todo o seu orgulho.

Quando deixou de receber respostas aos telegramas que lhe dirigiu para Piracicaba – continuou o pai – teve logo o pressentimento de que alguma desgraça sucedera ao seu querido Domênico.

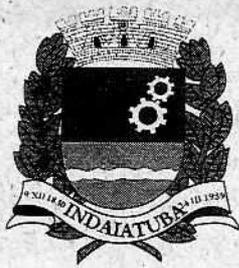
Nem por um momento passou pela mente que seu filho pudesse ter-se transviado, esquecendo-se dos seus deveres. E agora que não tinha mais remédio, que seu Domênico não existia mais, o velho pai desejava que *“os bandidos que arrancaram para sempre o filho querido ao seu carinho, ao seu amor, tivessem o castigo devido e não se escapassem da cadeia para gozar, noutra lugar, da liberdade só concedida aos dignos e aos bons”*. O Dr. prometeu tomar as devidas providências e os assassinos foram transferidos para a *“cadeia de Ytú”*, sendo que, durante o período em que ficaram detidos em Indaiatuba foram, todos os dias, cada um deles, visitados por suas famílias (11). No dia 14 de janeiro de 2008 era noticiado (12) que o promotor público de Itú apresentava denúncia - naquela Comarca - contra os assassinos de Domênico.

Os três foram condenados.

No julgamento de cada um dos três, cada um jurou por Deus inocência e acusou os outros dois.

O mais jovem, Adão R., que se envolveu no crime quando tinha menos de 21 anos, foi condenado há 25 anos e seis meses de prisão e condenado a pagar $\frac{1}{4}$ do valor da quantia subtraída da vítima como multa. No dia 28 de janeiro de 1908, o jornal Correio Paulistano anunciou que as mercadorias apreendidas na casa de comércio de Adão R. foram vendidas em praça pública; é provável que o numerário advindo desse comércio tenha sido utilizado para pagar essa multa ou parte dela.

A terceira enxada – A escada



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

Adão R. fugiu da cadeia de maneira inusitada: encostou uma enxada em um muro, escalou equilibrando-se e, segundo se falava a *boca-pequena*, veio buscar dinheiro em Indaiatuba para fugir para a Argentina, de onde vinha de vez em quando, sorrateiramente, visitar a família.

O Dr. Washington Luís recebeu comunicação do delegado de polícia de Itu de ter-se evadido da cadeia daquela cidade o criminoso Adão R. (...), um dos autores do crime cometido há três anos em Indaiatuba. (13)



Adão R. – Condenado há 25 anos de prisão, fugiu da cadeia. (14)



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

O mais velho de todos, Eugenio C. foi condenado a 30 anos de prisão e foi absolvido de multas; o juiz entendeu que sua família não teria meios de arcar com essa despesa. Ele não cumpriu a pena completa pois morreu na prisão. Dos três, Antônio N. foi o único dos três que ficou encarcerado.

Inicialmente também condenado à pena máxima, que era de 30 anos, cumpriu 21 após redefinição. Sua família foi a que mais recorreu da sentença e após ter confessado e condenado, mudou sua versão da história, dizendo por anos a fio que havia sido torturado pelas autoridades indaiatubanas para confessar o crime.



Eugenio C. – Condenado há 30 anos de prisão, morreu encarcerado. (15)



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

O julgamento de Antônio N. ganhou notoriedade na época. O jornal O Commercio de São Paulo (16) cobriu o acontecimento e dedicou quase ¼ de página para narrar em detalhes a condenação de Andó (apelido dele): o conselho, o interrogatório, a acusação, a defesa e o veredito foram descritos. O réu argumentou, segundo registrou o jornal, ter sido torturado à exaustão até que

... completamente desanimado, assinou o tudo quando as autoridades policiais quiseram, que as declarações dos autos foram feitas exclusivamente pela autoridade policial, sendo ele obrigado a assiná-las e que nega terminantemente ser autor do assassinato de Domênico de Luca.

O responsável pela acusação Carlos Alberto Vianna, sustentou a acusação recorrendo à condenação que já fora imposta aos outros assassinos, a provas dos autos, acareação, relatos de testemunhas e por último destacou a inútil habilidade do réu em tentar subtrair-se de suas responsabilidades no latrocínio. O advogado de defesa, Capitão Juvenal Leite do Amaral Coutinho iniciou a defesa desalentado (17), em vista dos julgamentos anteriores, de Adão R. e Eugenio C. Destacou que a causa de seu constituinte *“já estava prejudicada pela opinião pública, que dominava poderosa e invencivelmente”*.

Criticou as gazetas, que *“exploraram os fatos espetacularmente, com a avidez”* de quem só tem o foco na *“venda avulsa”*. Isso colocou seu cliente indefensável, o acusado, para ele, ficou em uma *“atmosfera de rancores e prevenções que lhe tolhem a defesa”* clima esse que já *“domina a consciência dos senhores jurados”*. Argumentou que o acusado Antônio N. fora envolvido no processo por dois motivos: pela inveja e pela vaidade.

Inveja daqueles que, em Indaiatuba não podiam com bons olhos ver o acusado feliz e prosperando em seu comércio, tirando sobejas recompensas das suas múltiplas atividades, todas honestas. A vaidade também agiu poderosamente, pois o crime de Indaiatuba era sensacional e oferecia, no descobrimento de seus autores, a glória à autoridade policial. Na falta de outros meios que pudessem dar o procurado resultado, implantou-se o regime de violência e da incomunicabilidade para arrancar confissões e se utilizaram de testemunhas que são verdadeiros comparsas da polícia. (18)

Mesmo com a mudança no depoimento, o veredito julgou o réu Antônio N. culpado e o condenou a 30 anos de prisão, sob protestos do advogado de defesa.

Também mesmo com inúmeros recursos, ele pagou pelo crime que cometeu e pelo qual foi julgado e condenado. Cumpriu a pena imposta e nada mais devia para a sociedade após sair da prisão.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

Mas não foi isso que aconteceu, ele não conquistou a liberdade; essa ficou apenas na esfera documental, em uma autorização de soltura. Geiss lembra que quando era menino, por trás do balcão da loja do seu tio, certa feita Antônio N. passou por ali e as pessoas apontaram-no como 'o criminoso'. Ele estendia a mão para cumprimentar as pessoas, mas ninguém retribuía. Lembra-se vagamente que atravessavam a rua quando deparava com ele no mesmo caminho.

O jornalista da Gazeta de São Paulo, que viera da Capital para acompanhar o desenrolar do crime, contou que, quando ele estava cobrindo o fato, ao redor do poço, ao lado do pai, Antônio N. que ali ficara, junto com demais populares, dissera:

- Aposto 100\$ contra 2\$ que nesse poço não tem nenhum cadáver!

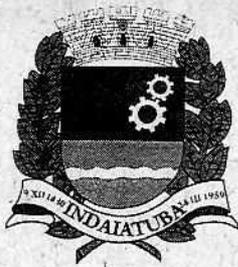
Por essa e por outras histórias que se avolumaram, não houve como se reintegrar à sociedade de Indaiatuba.

Se a justiça o condenara e o livrara da responsabilidade após cumprir a pena, as pessoas do lugar, não deram a ele essa condição; não o livraram, jamais, da culpa por ter participado do crime que tão barbaramente ceifou a vida do jovem Domênico.

O comerciante Walter Nicolucci (20) conta que, na ocasião em que foi construído o Hospital Augusto de Oliveira Camargo na década de 1930, entre os tantos profissionais contratados da Capital para efetuar os serviços, um deles era um responsável pela pintura. Ele apaixonou-se por uma das descendentes de Antônio N., que vivia na cidade. Contaram para ele sobre o crime, sobre a “proximidade” que a moça tinha com o assassino.

_ Melhor não se casar com ela! - aconselharam.

Correu a boca pequena que até carta enviaram para a família dele em Portugal, dedando sobre a proximidade do moço com a filha do assassino. Obviamente o enamorado não deu importância para a restrição, casaram-se e constituíram família. Mas esse exemplo ilustra o quanto os familiares de Antônio N. carregaram o peso de um crime que não foi a família que cometeu.



GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

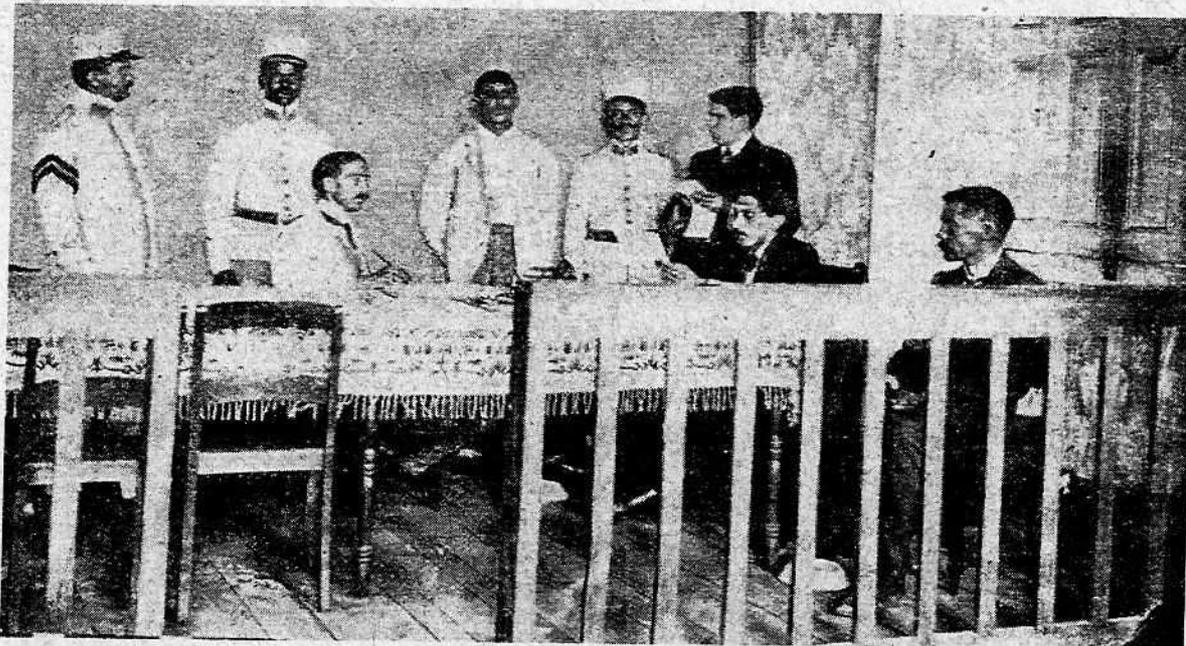
CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP



Antônio N. – Condenado a 30 anos de prisão, cumpriu 21 anos. (19)

Na década de 1940 estiveram em Indaiatuba profissionais de uma emissora de São Paulo. Geiss não se recorda bem, mas *acha* que era a Rádio Record de São Paulo.

Seu avô materno foi entrevistado sobre o crime e essa foi apenas uma das mídias que, durante mais de um século, divulgou essa história que até hoje emociona os indaiatubanos e aos que visitam o túmulo do menino Domênico, que foi eleito um Santo de Província, recebendo em sua sepultura ex-votos agradecendo várias graças alcançadas para quem reza para sua alma.



Antônio N. sendo interrogado pelo D. Mamede Silva, delegado de Itu, acompanhado do escrivão Luiz Camargo. Imagem feita no momento em que ele confessava o crime. Em pé, tomando notas, o Sr. Osvaldo Queiroz, repórter da Gazeta de São Paulo. (21)

.....00000000000.....

(1) A história completa do crime do poço você pode ler no livro O Crime do Poço – Uma tragédia indaiatubana (Eliana Belo Silva, 2007) ou em meio digital no blog “História de Indaiatuba”

(2) Em entrevista para a autora (datas diversas).

(3) CAMARGO, Nabor Pires. Recordações de um Clarinetista. Indaiatuba (SP): Fundação Pró-memória de Indaiatuba, 2000, (Crônicas Indaiatubanas - Volume 2).

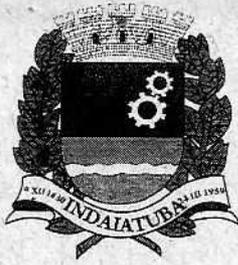
(4) CARVALHO, Nilson Cardoso de. Os Casarões Antigos do Largo da Matriz de Indaiatuba. Disponível em http://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/galerias/os_casaroes_do_largo_da_matriz.pdf

(5) Membro de uma paróquia, encarregado de recolher os rendimentos de uma igreja, administrar-lhe o patrimônio (que pode incluir o cemitério) e zelar pela conservação de alfaias e parâmetros.

(6) Algumas fontes atribuem o sonho ao pai, mas quem sonhou foi a mãe. Essa atribuição foi feita para poupar a mãe de depor no inquérito, uma vez que o sonho foi definitivo para esclarecer o crime e encontrar o cadáver do menino assassinado.

(7) Crédito da imagem: O Malho de 04 de janeiro de 1908.

(8) O **Correio Paulistano** de 16 de dezembro de 1907 – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.



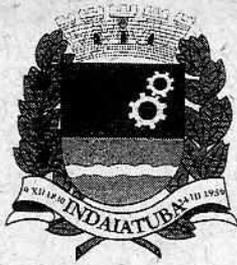
Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba – SP

- (9) O **Correio Paulistano** de 17 de dezembro de 1907 – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- (10) Notícia publicada no **Correio Paulistano** de 18 de dezembro de 1907 – Hemeroteca da Biblioteca Nacional:
- (11) **Correio Paulistano**, 08 de janeiro de 1908 – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- (12) **Correio Paulistano**, 14 de janeiro de 1908 – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- (13) **Correio Paulistano**, 27 de março de 1910 – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- (14) Crédito da imagem: **O Malho** de 04 de janeiro de 1908.
- (15) Crédito da imagem: **O Malho** de 04 de janeiro de 1908.
- (16) Jornal **O Comercio de São Paulo** de 18 de novembro de 1908– Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- (17) Jornal **O Comercio de São Paulo** de 18 de novembro de 1908 - Idem.
- (18) Defesa de Antônio N., segundo publicado no jornal **O Comercio de São Paulo** de 18 de novembro de 1908.
- (19) Crédito da imagem: **O Malho** de 04 de janeiro de 1908.
- (20) Em entrevista para a autora.
- (21) Crédito da imagem: **O Malho** de 04 de janeiro de 1908.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

ANEXO II

Texto da memorialista Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro

O CRIME DO POÇO

Indaiatuba - Novembro de 1907.

O jovem Dómingos (Domenico) de Lucca⁶² (menos de 18 anos) era viajante da firma de seu pai, um negociante rico, em São Paulo, atacadista de secos e molhados. Costumava mensalmente percorrer a freguesia das cidades servidas pela Estrada de Ferro Sorocabana, e quando chegava a um lugar, dirigia-se ao escritório da estação para telegrafar ao seu pai, contando da sua chegada e predizendo mais ou menos a sua partida, quando e para onde deveria ir. Assim o pai ficava informado onde ele se achava. Certo dia ele veio para cá.

Foram esperá-lo na estação dois de seus companheiros de jogo de cartas e de bocha que sempre se encontravam na venda do Ripabello, na rua Candelária.

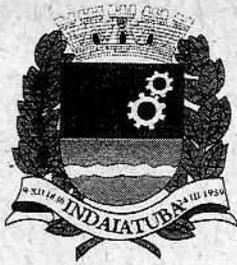
Meus pais, coincidentemente, estavam na janela da casa onde residiam naquele tempo, no largo da Matriz, casa que muito tempo depois foi centro telefônico da nossa cidade. Notaram que atravessava o largo aquele moço viajante, conhecido do meu pai, em companhia de outros dois moços: o Andó e o Cardinalli. Ambos conversavam animadamente com o viajante e um deles o cobria com um guarda-sol. Minha mãe notou aquela atenção

225

dispensada, ao que meu pai explicou-lhe tratar-se de conhecidos de jogo. Atravessaram o largo e se dirigiram para a rua Candelária.

Ao anoitecer, como o calor era demasiado forte, meu pai convidou minha mãe para dar uma volta no quarteirão e quando chegaram na esquina da rua Candelária com 7 de Setembro viram a senhora d. Mérita Bertolotti, proprietária de um hotel ali da esquina, de pé na porta e um tanto aflita.

Tratando-se de uma pessoa muito conhecida, perguntaram o motivo da sua inquietação, ao que ela respondeu: "Seu Luiz, estou à espera de um



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

226

hóspede, que saiu durante o dia, dizendo voltar para jantar e até agora não apareceu “De quem se trata d. Mérita?”, perguntou meu pai.

“É de um moço viajante, que vem todo os meses fazer a praça e que se hospeda no meu hotel “Não se preocupe, d. Mérita, os moços às vezes aprontam alguma surpresa; mas ele vai aparecer”.

No dia seguinte, já corria na cidade a notícia do desaparecimento do jovem e a d. Mérita levou o caso à polícia.

Como meu pai era o escrivão, tomou conhecimento da queixa, bem como o delegado. Curiosos com o fato, fizeram conjecturas, investigaram o hotel, onde encontraram a mala do rapaz com roupas, papéis com lançamentos de compras, pedidos feitos em outras cidades, endereço da firma, mas suspeitas nenhuma.

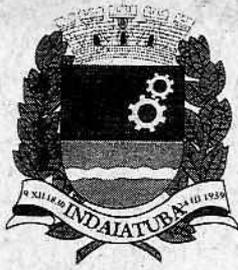
O Andó era barbeiro, o Cardinalli sapateiro, ambos bons elementos da cidade, não existindo absolutamente nada contra eles, sendo assíduos freqüentadores da venda do Ripabello que costumava fazer jogo de cartas numa sala ao lado e promover partidas de bocha numa quadra existente no quintal. Eram uma das únicas distrações da cidade.

O delegado sr. João Firmiano, homem de boa fé, jamais atinou qualquer hipótese de crime.

Meu pai, inteligente e arguto, se fez a raciocinar sobre o caso, começando pela chegada do moço à cidade em companhia dos dois rapazes. Depois a conversa da d. Mérita que explicava a saída do viajante, em mangas de camisa, porque ia jogar bocha ali perto e que voltaria em breve para o jantar. Isto despertou-lhe a curiosidade de ir até a venda do Ripabello para fazer-lhe uma visita e também perguntar sobre o jogo de bocha que ele mantinha.

Ao entrar na venda, notou um certo nervosismo no Ripabello que respondia às perguntas com evasivas. Meu pai referiu-se ao jogo de bocha, ao que ele repentinamente disse ter acabado com ele porque atrapalhava os negócios.

Meu pai, porém, foi entrando para o quintal e ele na frente se vastando, na tentativa de impedir a chegada ao quintal, mas quando meu pai lá chegou, assustou-se com o que viu. Não existia mais uma árvore sequer e



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

227

o chão estava raspado com enxada! Uma limpeza completa e perfeita. Não mais existia a quadra de bocha. Havia desaparecido. Curioso, meu pai perguntou-lhe por que tudo aquilo? o que ele respondeu: “Para entupir o poço velho que de nada mais valia, por estar seco e causar preocupação estando aberto sem necessidade”.

Neste momento ocorre-lhe a idéia do crime: mataram o moço e o enterraram no poço.

Essa suspeita do meu pai não foi aceita pelo delegado, que achava impossível aqueles moços terem cometido um crime dessa natureza. Mas, meu pai insistiu em desvendar o mistério e com dois policiais, mais o delegado, dirigiram-se para venda do Ripabello, onde encontraram-no vestindo o paletó para fugir. Preso, levaram-no para a cadeia, onde permaneceu até aguardar as primeiras diligências para esclarecimento do fato. O pai do Domingos de Lucca, não recebendo aviso da sua partida de Indaiatuba para outro local, tinha a certeza de seu filho estar aqui mesmo e já havia telegrafado para a polícia solicitando providências para encontrá-lo.

Meu pai comunicou o fato à polícia da Comarca e de lá vieram soldados, um delegado de carreira, dr. Mamede, que chegou a ser juiz do Tribunal de São Paulo, e mais o pai da vítima, para iniciarem a busca, com o desentupimento do poço. A tarefa não foi fácil e no primeiro dia de trabalho nada foi encontrado que denunciasse o crime. O delegado daqui, que não queria aceitar a hipótese do moço estar lá dentro do poço, dizia ao meu pai: “Luiz, é uma loucura! Nós vamos passar uma grande vergonha. Não vão encontrar nada e nós, com que cara vamos ficar?”.

Papai, confiante na sua suspeita dizia: “Vamos aguardar, que logo teremos uma prova”.

E, no segundo dia de trabalho, a primeira coisa que surgiu foi uma tranca de porta, de pau, manchada de sangue: o instrumento usado para darem a cacetada que partiu a cabeça e matou o rapaz. Aí as coisas se modificaram.

Diante dessa prova meu pai foi à cadeia e iniciou o interrogatório do Ripabello. Contou-lhe do aparecimento da tranca e disse-lhe que contasse como praticaram o crime, ao que ele respondeu:



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

228

“Uma vez que já estão descobrindo as provas, o corpo do moço está lá mesmo, mas não foi só eu quem praticou o delito. Meus companheiros foram o Andó e o Cardinalli, que também foram presos”. Andó era barbeiro, casado, com filhas, morava na rua Cerqueira César, esquina da atual Pedro de Toledo, onde hoje existe uma loja de peças de automóvel e onde mais tarde, sua família, para sobreviver, abriu um bar, no lugar da barbearia. O Cardinalli morava na rua Direita, hoje Augusto de Oliveira Camargo.

Quando foram prendê-lo, de manhã, ele ainda estava dormindo. Ambos aparentavam calma, não demonstrando nenhum sinal de preocupação para não despertar suspeitas.

À medida que os trabalhos do desentulho iam se aprofundando, começaram a sair os galhos de árvores, o mato e a terra raspada, aparecendo de quando em vez uma prova: os sapatos, outros pertences da vítima, até finalizarem com a retirada do corpo.

Os criminosos foram julgados, levando trinta anos de cadeia cada um.

O Andó recebeu um indulto de cinco anos, por bom comportamento. Ripabello, fugiu da cadeia de Itu e o Cardinalli faleceu nessa mesma prisão antes de cumprir a pena total.

Eles alegaram que cometeram o crime certos de que o viajante trazia consigo muito dinheiro, o que foi um engano.



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

ANEXO III

Texto do Memorialista Nilson Cardoso de Carvalho

1907 - O Crime do poço

Na tarde do dia 5 de dezembro Domênico De Luca, jovem italiano de 16 anos, foi morto em Indaiatuba por três indivíduos da cidade que cometeram o crime para roubar. O fato ocorreu dentro de uma casa na Rua Candelária nas imediações da igreja Matriz, para onde Domênico foi atraído por um dos criminosos, Adão Ripabello, com a desculpa de que iria lhe mostrar o milho que tinha para vender, pois o rapaz, que morava em São Paulo e era filho de um comerciante de cereais, tinha vindo a Indaiatuba para comprar milho e feijão.

Impressionados com a grande soma em dinheiro que Domênico trazia, os três assassinos combinaram o crime: Adão o atraiu para o interior da casa onde Antonio Nugnesi desferiu-lhe uma brutal paulada na cabeça que o fez prostrar-se ao chão ensangüentado, quando o terceiro criminoso Eugênio Cardinalli desferiu-lhe facadas na garganta. Vasculharam então os bolsos e sapatos do infeliz, dividiram o dinheiro encontrado e em seguida jogaram o cadáver num velho poço no fundo do quintal e o aterraram. Oito dias depois os assassinos foram descobertos, contribuindo para isso um sonho que o pai de Domênico tivera, vendo-o morto dentro de uma casa, a qual ao chegar à Indaiatuba reconheceu: era a casa de Ripabello.

Este crime teve uma repercussão muito grande fora de Indaiatuba, a ponto de prejudicar a imagem da cidade durante vários anos, enquanto o crime do poço esteve ligado a Indaiatuba na memória das pessoas; e comoveu de tal maneira os moradores da cidade que até hoje seu túmulo no Cemitério de Pedras [parte do Cemitério da Candelária] é visitado com muita freqüência por pessoas que acreditam que Domênico De Luca faz milagres. O episódio foi descrito em dezembro de 1960 por Raffaello Fantelli e Judith Giomi Fantelli no jornal Tribuna de Indaiá.



ANEXO IV

Crime do poço (Indaiatuba)

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Crime_do_poço_\(Indaiatuba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Crime_do_poço_(Indaiatuba))

O **Crime do poço** ocorreu na cidade de Indaiatuba, no interior do estado de São Paulo, no ano de 1907, tratando-se do assassinato do imigrante italiano Domenico de Luca, que trabalhava com o comércio. Depois, jogaram seu corpo em um poço, na Rua Candelária, perto da Igreja da Candelária. Na época, a cidade tinha um pouco mais de 1.500 habitantes. O município fez um documentário e um livro sobre o assunto, em 2007. O imigrante está enterrado no Cemitério da Candelária.

O crime

Na tarde do dia 5 de dezembro Domênico De Luca, jovem italiano de 16 anos, foi morto em Indaiatuba por três indivíduos da cidade que cometeram o crime para roubar.

O fato ocorreu dentro de uma casa na Rua Candelária nas imediações da igreja Matriz, para onde Domênico foi atraído por um dos criminosos, Adão Ripabello, com a desculpa de que iria lhe mostrar o milho que tinha para vender, pois o rapaz, que morava em São Paulo e era filho de um comerciante de cereais, tinha vindo a Indaiatuba para comprar milho e feijão. Impressionados com a grande soma em dinheiro que Domênico trazia, os três assassinos combinaram o crime: Adão o atraiu para o interior da casa onde Antonio Nugnesi desferiu-lhe uma brutal paulada na cabeça que o fez prostrar-se ao chão ensanguentado, quando o terceiro criminoso Eugênio Cardinalli desferiu-lhe facadas na garganta. Vasculharam então os bolsos e sapatos do infeliz, dividiram o dinheiro encontrado e em seguida jogaram o cadáver num velho poço no fundo do quintal e o aterraram.

Oito dias depois os assassinos foram descobertos, contribuindo para isso um sonho que o pai de Domênico tivera, vendo-o morto dentro de uma casa, a qual ao chegar à Indaiatuba reconheceu: era a casa de Ripabello.

Este crime teve uma repercussão muito grande fora de Indaiatuba, a ponto de prejudicar a imagem da cidade durante vários anos, enquanto o crime do poço esteve ligado a Indaiatuba na memória das pessoas; e comoveu de tal maneira os moradores da cidade que até hoje seu túmulo no Cemitério de Pedras [parte do Cemitério da Candelária]

é visitado com muita frequência por pessoas que acreditam que Domênico De Luca faz milagres. O episódio foi descrito em dezembro de 1960 por Raffaello Fantelli e Judith Giomi Fantelli no jornal Tribuna de Indaiá.^[1]



ANEXO V

Culto Ecumênico feito no Cemitério da Candelária em 2007, em alusão ao Centenário da morte de Domenico de Luca, onde o tema principal proferido foi a PAZ.⁶

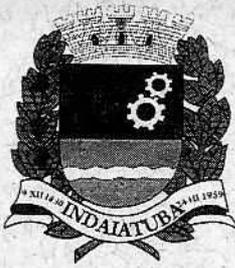


A Fundação Pró-Memória promoveu no último sábado dois eventos em alusão ao centenário da morte de Domenico De Luca, vítima do histórico Crime do Poço, primeiro caso de assassinato registrado em Indaiatuba.

A programação teve início com um ato ecumênico comandado pelo padre Xico, da Igreja Santa Rita, e pelo pastor Gerson, da Igreja Presbiteriana Reunida (*foto*), no Cemitério de Pedra da Rua Candelária, que abriga o túmulo de Domenico, restaurado pela Pró-Memória.

Na seqüência, todos foram convidados a se dirigir ao Casarão Cultural Pau Preto, que abrigou o lançamento do livro *O Crime do Poço - Uma Tragédia Indaiatubana*, de Eliana Belo Silva, lançado pela editora Ottoni. Confira no site da fundação como adquirir seu exemplar. Leitura obrigatória para quem se interessa pela história indaiatubana.

⁶ (texto e foto de Fábio Alexandre disponível em <http://www.fabioalexandre.blog.br/2007/12/domenico-de-luca.html>, consultado em 16/11/2017).



Palácio Votura

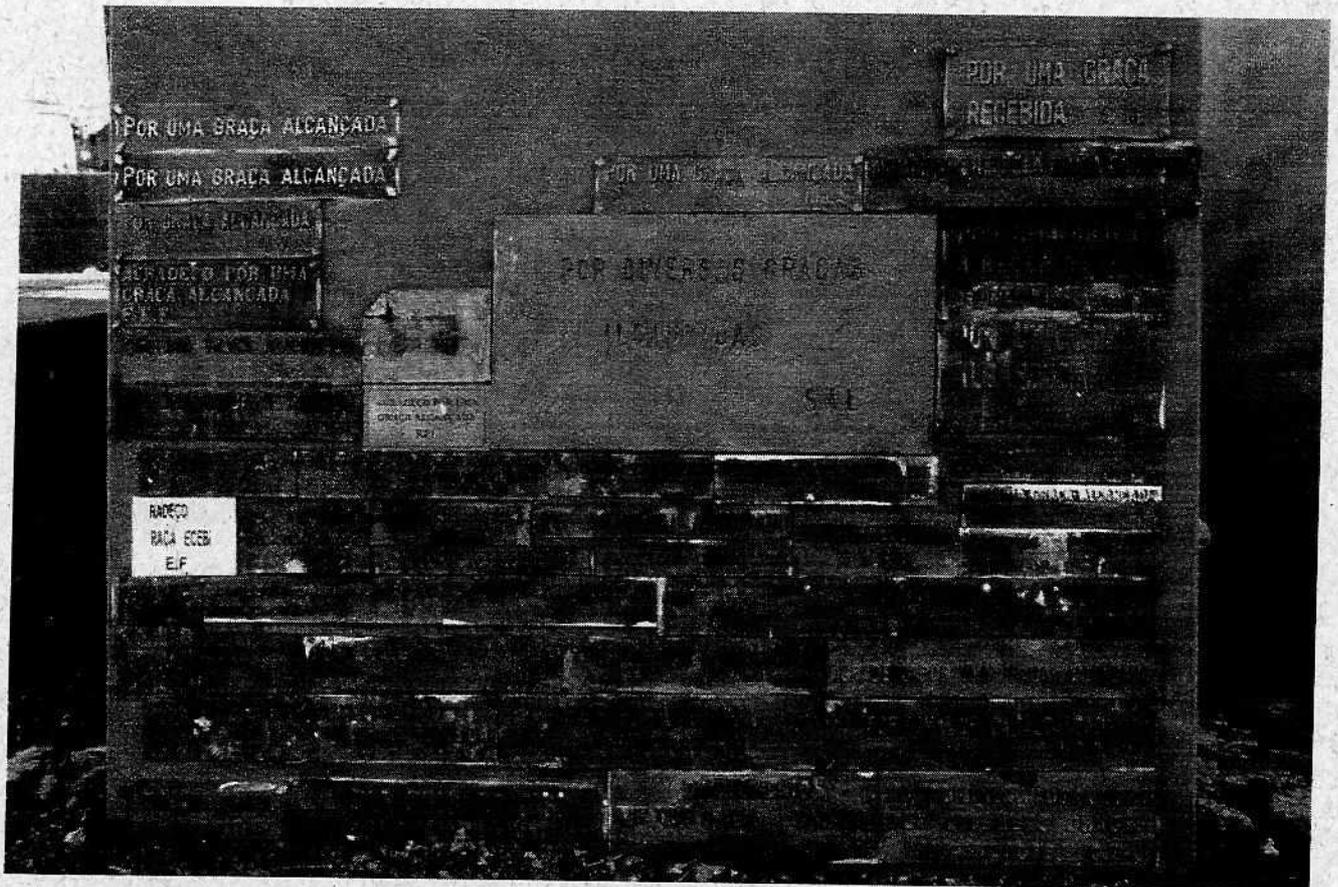
GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

ANEXO VI

**Imagem de ex-votos no túmulo de Domenico de Luca
(década de 2010)**



Prefeitura Municipal de Indaiatuba
Telefone: (19) 3834-9000
Site: <http://www.indaiatuba.sp.gov.br/>

Antes de imprimir pense no seu compromisso com o meio ambiente.

--
Sandra Regina Ap. Sant'Ana Lemes
Dept. de Cadastro Imobiliário
Secr. Mun. De Planej. Urbano e Engenharia
Fone : 3834-9165
E- mail : engenharia.cadastro02@indaiatuba.sp.gov.br

Prefeitura Municipal de Indaiatuba
Telefone: (19) 3834-9000
Site: <http://www.indaiatuba.sp.gov.br/>

Antes de imprimir pense no seu compromisso com o meio ambiente.